

Capítulo 1

O que é conjuntura

Em cada reunião, discurso, palestra, seminário, encontro num sindicato ou num movimento social, sempre se ouve a palavra conjuntura. É conjuntura para cá, conjuntura para lá.

De uma forma ou de outra, o termo está presente em discursos de agentes sociais, ativistas, comentaristas.... É comum encontrarmos na fala de dirigentes sindicais frases na quais a palavra conjuntura é sempre central, como:

- A conjuntura está nos atropelando.
- A conjuntura está nos desafiando.
- A conjuntura nos é adversa.

- Esta é a conjuntura mais difícil dos últimos anos.
- Temos de enfrentar a conjuntura.
- Precisamos analisar muito bem a evolução da conjuntura.

Estas frases não são exercício de retórica. Elas não são da boca para fora: elas refletem uma necessidade interna, real, profunda. Elas expressam a necessidade de analisar o conjunto dos fatores que estão presentes nas condições da ação e, sobretudo, nas possibilidades de êxito ou não.

Mas... o que é mesmo esta tal de conjuntura?

Entender o seu significado não é um exercício de linguagem ou de interpretação de texto.
É uma necessidade política para quem quer transformar a sociedade na qual vive e atua.

Sem entender para onde caminha a sociedade, sem saber quais as forças que estão em jogo naquele exato momento, não se constrói um plano de ação. Ou melhor, até se constrói, mas seu êxito será tão incerto quanto jogar na loteria. Será uma ação às escuras. Um pouco como no jogo de crianças que brincam de cabra cega.

Podemos definir a palavra conjuntura como a combinação de forças distintas sobre uma dada realidade. É um conjunto de elementos que atuam no resultado final de uma ação.

A palavra conjuntura indica a relação que cada força, cada componente do quadro geral mantém entre si e com o quadro onde atua. A conjuntura está intimamente ligada ao ambiente histórico, sempre em movimento, no qual acontece determinada ação.

Quem dá aula de História sempre se depara com situações onde precisa recorrer à clássica frase: "Precisamos ver este fato na conjuntura histórica daquele momento". Isto, seja se referindo a usos e costumes de povos que agiam ou agem de acordo com padrões estabelecidos por séculos de tradições e experiências particulares ou a comportamentos pontuais em determinado momento.

Peguemos um exemplo clássico que exige muita ginástica mental de todo professor de História. Como

responder a questões sobre a Inquisição praticada pela Igreja Católica, na Idade Média, e bem depois? Ou, como explicar que as mulheres inglesas, as chamadas *suffragettes*, tiveram que colocar várias bombas nas casas de deputados do Parlamento do seu país para convencê-los a votar a favor do voto feminino, ou seja, para conseguir o direito de voto? Como explicar que em alguns cantões da Suíça o voto feminino tenha sido implantado somente em 1971?

Somente com uma análise dos antecedentes históricos de cada um dos fatos acima é possível compreender estes e mil outros comportamentos da humanidade ou de determinadas pessoas.

1 - A CONJUNTURA NÃO É UMA PAISAGEM

A conjuntura não pode ser comparada a uma paisagem para ser vista de longe, para ser contemplada e admirada.

A conjuntura é como um rio tempestuoso, como uma cachoeira agitada numa paisagem que ameaça chuvas e trovoadas. Às vezes, num determinado momento, pode ser comparada a um ambiente tranquilo que tem até um pacífico arco-íris.

De toda maneira, conjuntura é movimento. É ação. É a combinação e a interação de várias forças que agem sobre o mesmo fato. É, ao mesmo tempo, a atuação de pessoas que vêem de modo diferente os mesmos fatos e que agem sobre estes, modificando-os.

Em se tratando de ação política, a idéia sempre associada ao conceito de conjuntura é a ação de um conjunto de forças que agem e interagem, no tempo e no espaço, e influenciam e às vezes determinam os fatos que irão acontecer.

Esse entrelaçamento de forças costuma ser chamado de “correlação de forças”. Ou seja, o peso e a influência que cada componente da realidade exerce sobre o fato em análise.

Esta expressão, a “correlação de forças”, dá a idéia de uma disputa entre os vários componentes da realidade.

É por isso que um sindicato, um movimento, um partido precisa analisar os vários elementos da conjuntura e também estudar o jogo destes componentes, destas “forças”.

Uma destas forças determinantes que influem na conjuntura são os atores sociais, que não são estátuas e nem plantas: são gente, com suas experiências, antigas

e recentes. Com seus sonhos e frustrações, que não dá para pesar numa balança de supermercado, mas são reais e atuantes sobre o resultado final de uma ação.

À pergunta “o que é conjuntura?”, podemos responder, resumidamente, que é a atuação de todas as forças distintas, em determinado momento, sobre uma realidade determinada.

Capítulo 2

O que é análise de conjuntura

Qualquer sindicalista ou ativista de movimentos sociais precisa saber quais forças jogam no xadrez social e político em que ele atua.

É preciso saber disso, porque ele precisa vencer barreiras. Precisa saber quem são seus amigos e quem são seus inimigos. Quem são seus adversários e seus aliados. Quais pedras podem ser movidas, quais jogadas podem ser feitas. Isto não pelo gosto de uma fofoca inconseqüente ou por legítima curiosidade intelectual. Ao contrário, é para saber para onde ir, com quem ir e o

que encontrará pela frente.

Um sindicato de trabalhadores da Educação, ao iniciar uma disputa salarial com a administração pública, precisa levar em conta todos os componentes da conjuntura. Para saber se é possível ganhar a queda de braço com a Secretaria Estadual de Educação, por exemplo, é necessário saber quem é quem no poder e quais interesses representa. Afinal, com quais forças o Sindicato dos Profissionais da Educação daquele estado pode contar e com quais forças terá de se confrontar.

**A luta sindical, seja ela puramente reivindicativa
ou política, assemelha-se a uma guerra.
Uma guerra onde se confrontam interesses contrários.
O mesmo vale para o conjunto das lutas sociais.**

Todo movimento – dos sem-terra, dos sem-teto, o movimento popular, o estudantil e toda atividade partidária – precisa ter noção exata do que está em disputa em cada reivindicação, em cada campanha.

**Embora não apareça à primeira vista,
a luta social é uma guerra
com interesses contrários
e exércitos contrapostos.**

Os educadores sabem que a contradição entre os que mandam na Educação (seja na administração pública, seja no sistema privado) e os vários profissionais do ensino, nas suas várias funções, não se dá somente sobre a remuneração. Existem outras necessidades para se concretizar a ação educativa que são vistas de maneiras completamente diferente pelos trabalhadores ou pelos administradores da máquina administrativa. Sobretudo, há uma série de aspectos políticos mais gerais que são vistos de maneira completamente divergentes por estas duas partes. O tipo de ensino deve ser voltado para a cidadania ou para o mercado? Os valores centrais no nosso ensino devem ser o sucesso individualista ou a visão baseada na solidariedade? A Educação deve preocupar-se com a formação integral de homens e mulheres ou deve limitar-se a aspectos parciais da formação? Questões como estas dividem pessoas, grupos, classes.

Essas simples perguntas já colocam as pessoas em lados diferentes da vida, conseqüentemente, da prática social.

Como essas, há muitas divergências entre os trabalhadores da Educação e os administradores ou patrões das estruturas de ensino. É evidente que a guerra está sempre às portas da atuação da nossa classe.

E aí, como vencer esta guerra? Como enfrentar cada batalha? Há livros clássicos sobre “A Arte da Guer-

ra”, no geral, ou sobre determinadas guerras específicas que aconteceram mais de 2.000 anos atrás. Em todos esses livros, a guerra é mostrada como uma arte que precisa levar em conta muitos componentes.

Uma coisa era uma guerra nos tempos do arco-e-flecha, outra, totalmente diferente, é a de hoje, com todo o arsenal de armas disponíveis para a destruição em massa dos inimigos. E mais, na guerra, de ontem e de hoje, há muitos outros componentes além das armas a serem levados em conta, por exemplo, quais as fontes de abastecimento dos exércitos? Quais as bases logísticas? E mais: nos dias de hoje, qual a influência que a propaganda mundial tem sobre o ânimo das tropas?

**Pois é, a análise de conjuntura
é a aplicação da arte da guerra.
Uma guerra que tem que levar em conta
a realidade puramente militar
e, ao mesmo tempo, a situação social
e política geral.
Sem uma exata análise da conjuntura,
é como entrar numa briga
com os olhos vendados,
enquanto o inimigo está vendo
perfeitamente onde golpear.**

Mas, não é só o ativista que quer transformar a sociedade que necessita de uma análise séria das forças em jogo e do jogo das forças. Qualquer atividade humana, para ter sucesso, necessita que seus autores façam uma correta análise de conjuntura. Uma nova linha de ônibus, um novo ponto comercial, a nova cor de um carro que uma montadora planeja, o sistema de bloqueio das portas de um prédio ou de um elevador, tudo enfim é resultado de uma séria análise de conjuntura.

4) Os Atores

- † O ator é tudo aquilo que representa determinado papel dentro de um contexto. Não é, necessariamente, um indivíduo, mas pode ser uma classe social, uma categoria, um partido, uma TV, um governo etc.
 - † a) Quais os objetivos de cada ator?
 - † b) Como eles têm atuado?

5) A Relação de Forças

- † É a articulação entre os diversos atores, da sua força política, de decisão e de influência.
- † Essas relações podem ser de confronto, de coexistência, de cooperação e estão sempre revelando uma relação de força, de domínio, igualdade ou de subordinação. A relação de forças sofre mudanças permanentes.
- † Avaliar as Relações de Forças:
 - † a) Qual o objetivo e poder de influência de cada ator no momento;
 - † b) Quem está aliado a quem e quais atores se opõem? Quais são os atores dominantes, os que se submetem e os dominados?

6) Projetar as Tendências

- † É o objetivo da análise. Projetar as tendências para fazer nossas opções de ação concretas. Duas perguntas básicas têm que ser respondidas:
 - † a) quais as possibilidades de desenvolvimento e acontecimentos?
 - † b) como vai ficar cada ator diante dos prováveis novos acontecimentos?

7) Elaborar política

- ‡ Quais são nossos objetivos (estratégia) deste cenário e desta relação de forças?
 - ‡ a) O que é possível fazer?
 - ‡ b) Quais devem ser nossas táticas?